



### **3. Como se sentem os portugueses?**

Uma ameaça apreendida  
ou compreendida?

## Os portugueses e as alterações climáticas

Responder a ‘como se sentem’, pede uma análise retrospectiva da relação dos portugueses com o ambiente

“No virar da década de 80, entrámos no comboio da economia de mercado e na euforia consumista (...). O lixo, que é um dos resultados mais perversos do consumismo, cresceu exponencialmente (...). É interessante verificar como muitos boicotes às eleições nos anos 90 foram por questões ambientais: o saneamento básico, a água que não vinha, a lixeira que não era fechada.”<sup>1</sup>

A viagem ao passado é fundamental para situar o momento em que os portugueses terão sido forçados, pela primeira vez, a relacionar ambiente e saúde. Este pequeno testemunho de Luísa Schmidt, ajuda-nos a recuar às décadas de oitenta e de noventa, quando o país contava mais de trezentas lixeiras a céu aberto e muitas praias e leitos de rios portugueses estavam contaminados devido a descargas marginais dos esgotos urbanos ou instalações fabris.

Os portugueses mais velhos terão chegado pela primeira vez à relação entre saúde e ambiente por força da proximidade a ambientes tóxicos, embora a preocupação se circunscrevesse a quem morasse junto a uma lixeira ou a um rio poluído, ou estivesse exposto à poluição de fábricas.

A entrada de Portugal na União Europeia (então, CEE), em 1985, impulsionou a convergência dos portugueses com direitos e deveres de outros cidadãos europeus, induzindo uma série de iniciativas que, pela educação ou pela lei, foram sensibilizando para os problemas e para o respeito que devemos ter pelo ambiente.

Não obstante o atropelamento de muitas regras ambientais e a distância aos congéneres europeus – ditados por um processo de desenvolvimento tardio –, as questões ambientais foram entrando nas políticas públicas e o país foi mudando a sua prestação, sendo hoje, por exemplo, um dos que ostenta maior número de bandeiras azuis em praias marítimas ou fluviais no mundo.

Apesar de, em termos globais, se começar a falar de camada de ozono e de aquecimento global ainda no século XX, a sensibilidade para as alterações climáticas, e a noção de que as consequências para a saúde humana podem agora afectar uma população inteira, só viria a inquietar os portugueses em meados da década passada. Para tal, muito terão contribuído os novos formatos de sensibilização, como os documentários, mas também a mediatização crescente que os media têm dado ao problema climático [vide página seguinte]. Na presente amostra, apenas 10% se considera pouco informado sobre as alterações climáticas.

**O que esta introdução pretende salientar é que, não sendo novo para os portugueses que as condições do ambiente podem ter consequências na sua saúde, a consciência dos problemas que, em específico, podem decorrer das alterações climáticas é bastante recente. A experiência das décadas de 80 e 90 explicará, em parte, a facilidade com que os portugueses relacionam saúde e alterações climáticas, como adiante se revela.**

<sup>1</sup> Luísa Schmidt, entrevista Anabela Mota Ribeiro, 2003  
“Ambiente no Ecrã - Emissões e Demissões no Serviço Público Televisivo”, Luísa Schmidt, 2003



Derrocada de um prédio no Vale do Jamor nas cheias de 25 de Novembro de 1967. Na semana seguinte, ainda se retiravam corpos “das lamas acumuladas em Algés e se continuava a falar de desaparecidos” que teriam sido levados pelo Tejo

in jornal Público, ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO

## Grande cheias de 1967: o “evento-charneira” em Portugal

Do incidente contam-se 700 mortes, 1.100 pessoas desalojadas e centenas de habitações destruídas ou submersas nos concelhos de Loures, Odivelas e Alenquer.

Numa noite em que a cidade de Lisboa foi fustigada por precipitação intensa e concentrada, as cheias - associadas, como então fez questão de frisar Gonçalo Ribeiro Telles numa entrevista à RTP, à urbanização crescente, com

excessiva impermeabilização dos solos, destruição de vegetação em zonas de infiltração e sistemas de drenagem subdimensionados -, levaram ao que é considerado “o evento-charneira” ou a primeira grande catástrofe ambiental em Portugal, por ser “o primeiro momento em que se confrontaram processos sociais, políticas de desenvolvimento e questões ambientais” em Portugal. (Schmidt, 2003)

## Os portugueses e o ambiente: breve cronologia

### A AMEAÇA DA POLUIÇÃO

O problema ambiental é um problema local

#### DÉCADA DE 80

Instala-se em Portugal um número crescente de indústrias poluentes, depositam-se toneladas de lixo (urbano e tóxico) na paisagem.

#### 1990

As questões ambientais ganham protagonismo; a Secretaria de Estado do Ambiente é promovida a Ministério do Ambiente e Recursos Naturais.

#### 1987

A entrada na CEE impulsiona a criação da Lei de Bases do Ambiente, que integra leis em vários domínios, como a poluição do ar e da água, a poluição sonora, a gestão dos resíduos, a defesa do litoral e a protecção das espécies.

#### 2000

Plano Estratégico traça metas de 90% e 95%, até 2006 para níveis de atendimento de esgotos e abastecimento de água à população (nenhuma cumprida dentro no prazo).

## CONTEÚDOS DE INFORMAÇÃO



#### 1993

##### NOVAS FORMAS DE JORNALISMO EM PT

As televisões privadas estreadas (SIC e TVI), com jornalismo mais mediático, desempenham um papel fundamental na denúncia da situação do lixo em Portugal, dando voz a uma população esquecida e descontente com a localização das "estações de tratamento" do lixo.



#### 2004

##### PORTUGAL, UM RETRATO AMBIENTAL

Numa série feita com imagens captadas pela RTP Luísa Schmidt faz o retrato do país a estragar-se — degradação da paisagem, poluição dos rios, ares irrespiráveis, lixeiras, incêndios —, e de uma população com uma consciência ambiental cada vez mais forte.

#### 2007

Criada a Agência Portuguesa do Ambiente, que inclui na missão o combate às alterações climáticas.

#### 2011

Portugal já conta com 206 parques eólicos. A aposta nas energias renováveis começa a ser visível.



#### 2006

##### UMA VERDADE INCONVENIENTE

Documentário sobre o aquecimento global – Óscar de melhor documentário em 2007 –, de Al Gore, que lhe valeu o Nobel da Paz "pelos seus esforços na construção e disseminação de maior conhecimento sobre as alterações climáticas induzidas pelo homem".

#### 2015

O Acordo de Paris envolveu todos os países do mundo (representados na ONU) na luta contra as alterações climáticas. Os responsáveis políticos dos 195 países assumiram, pela primeira vez, o compromisso de reduzir as emissões de gases com efeitos estufa, através da adopção de medidas que conduzam a uma economia de baixo carbono - reduzir significativamente o uso de combustíveis fósseis, apostar nas energias renováveis e limitar a subida da temperatura a 1,5°C em relação à era pré-industrial.

#### 2015

Reforma da Fiscalidade Verde em Portugal:

- Taxa sobre os sacos de plástico leves para estabelecimentos de comércio
- Incentivo fiscal à utilização de car e bike sharing e à mobilidade eléctrica
- Incentivo fiscal ao abate de automóveis ligeiros
- Incentivo fiscal à exploração florestal



#### 2015

##### LAUDATO SI

Carta encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e o desenvolvimento irresponsável. Faz um apelo à mudança e à unificação global das acções para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas, interpellando cada um dos leitores de forma directa.



#### 2016

##### BEFORE THE FLOOD

O documentário de Leonardo DiCaprio e Martin Scorsese é um alerta para os problemas das alterações climáticas. Gravado ao longo de três anos, inclui, entre outros, discussões com políticos e cientistas. Para além de online, no lançamento o documentário passa em horário nobre na RTP1.



#### 2019

##### COVERING CLIMATE NOW

As revistas The Nation e Columbia Journalism Review apontam o dedo à inércia da comunicação social em relação às alterações climáticas. Juntas lançam a iniciativa 'Covering climate now'. Em Portugal, o repto foi aceite pelo jornal Público, pelo site SAPO24, a revista Shifter e a Greensavers.

#### 2021

Termina a produção de electricidade a partir do carvão em Portugal. As duas centrais térmicas – Pego e Sines – são encerradas.

#### 2022

Entra em vigor a Lei de Bases do Clima, que assume a situação de emergência climática e estabelece que um clima estável é património da Humanidade (Portugal foi o primeiro país do mundo a fazê-lo).

## NOVAS LINGUAGENS E FORMATOS DE SENSIBILIZAÇÃO



#### 2022

##### JORNALISMO CLIMÁTICO

Nos últimos anos, muito tem mudado e todos os media têm vindo a dar crescente destaque às notícias e aos alertas sobre o clima. Em 2021, o Público lançou o 'Azul,' um projecto dedicado a temas ambientais. Em linha, em 2022, o Expresso lançou a plataforma SER – Sustentável, Económico, Responsável.

Ilustrativo, não exaustivo

## A fácil relação entre as alterações climáticas e a saúde

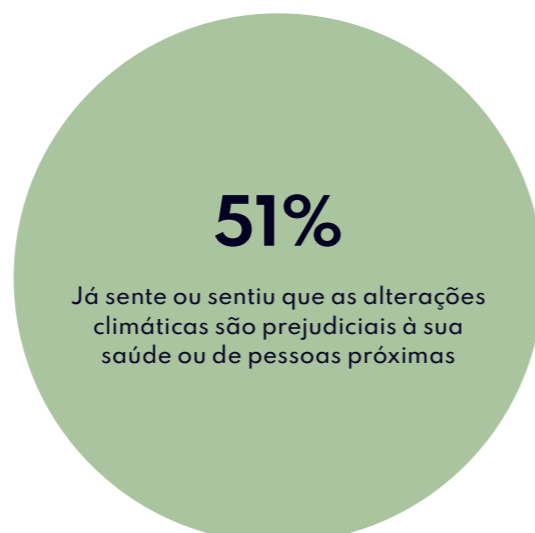
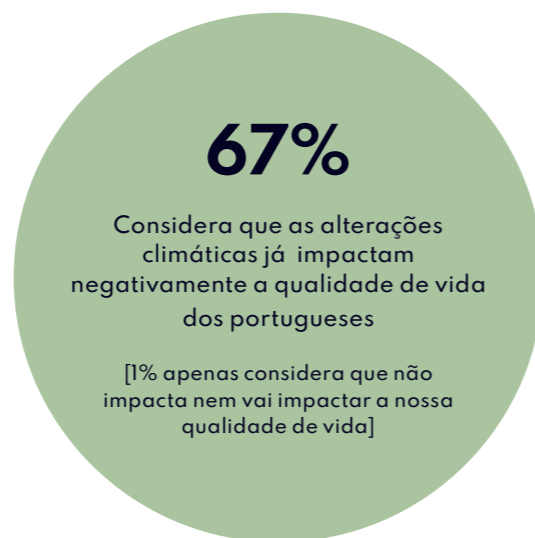
Num quadro em que se colocava à consideração dos inquiridos a escolha dos temas de maior preocupação actual, a Crise Climática figura em 5º lugar (em 12), quase a par da 'actual condição do SNS' e acima de problemas como o actual conflito na Ucrânia ou as desigualdades sociais. [vide página seguinte]

67% dos entrevistados considera que as alterações climáticas já estão a ter impacto na qualidade de vida dos portugueses e essa mesma maioria (64%) concorda que os portugueses em geral já estão expostos a problemas de saúde em consequência dos riscos ambientais. Mais: 51% reconhece que o problema já atinge a sua saúde ou a de pessoas próximas, 61% entre os que têm doenças cardíacas ou respiratórias.

Especialistas como Giddens<sup>1</sup> têm defendido que as alterações climáticas e as emissões de CO<sub>2</sub> raramente podem ser ouvidas, cheiradas ou vistas, sendo essa a grande explicação para o défice de alarme e de acção para eliminar ou reduzir a ameaça. Aparentemente, o paradoxo de Giddens já não se aplica à realidade portuguesa; para esses sentidos (que nos ligam ao exterior), as ameaças tornaram-se notórias – a seca, a desertificação dos solos, os incêndios e as inundações cada vez mais se vêem, ouvem ou cheiram. Por outro lado, como se vive já o efeito de eventos extremos, o sentido da interocepção, i.e., a informação que chega ao cérebro sobre o que acontece com o nosso organismo, também se activa – as reacções alérgicas, os pruridos na pele, a transpiração, a sensação de pernas pesadas ou o aumento do batimento cardíaco em reacção ao calor extremo. O corpo avisa.

Em Portugal, para a maioria da população que se diz razoavelmente ou muito informada (89%) e algo ou muito preocupada (95%), já não será a invisibilidade da ameaça o que melhor explicará a baixa mobilização ou inacção perante o problema climático, mas a noção da sua insignificância, e da pequenez do país, perante a escala do problema. Como ouvido nos grupos de discussão, a propósito do esforço para comportamentos mais sustentáveis, “o que eu sinto é como se o barco estivesse a afundar e eu estivesse com uma caneca a tirar água de dentro do barco”.

<sup>1</sup> Giddens, Anthony. “The Politics of Climate Change.” Polity Press, 2009.



## Em Discurso Directo

**“[Com as alterações climáticas, corremos o risco de] existência de grandes catástrofes naturais e também irá afectar a saúde humana. Falo por mim, nunca tive alergias, nem sinusites, agora sofro imenso com essas alergias. (...) até alergia ao sol, nesta altura do ano, não é normal, com estas temperaturas. Em Vilar Formoso, era impensável no dia 1 de Maio irmos para a piscina. E ontem fomos para a piscina.”**

M, 49 anos, costureira, Vilar Formoso

**“Eu vou mencionar só um [risco], que é o que mais me preocupa: a saúde. A poluição contínua a que nós assistimos, especialmente nos países industrializados, leva a que existam doenças crónicas, principalmente a doença obstrutiva pulmonar crónica, que todos os anos mata muitas pessoas. E quem vive nas grandes cidades, está mais sujeito a isso. Muita gente não tem noção o quanto a poluição nos pode afectar.”**

H, 50 anos, vigilante aeroportuário, Porto (rinite alérgica crónica)

**“Principalmente, terá um grande efeito na saúde das pessoas. Já se vê agora outras coisas que antes não havia, mais jovens, as pessoas têm problemas respiratórios, oncológicos, ... acho que isso é tudo devido às coisas pouco naturais que vamos introduzindo na alimentação, no ar, as partículas que andam sempre no ar... e nós vemos que não é natural, este calor não é natural! Parece que ficamos meio doentes porque não é natural para nós. Traz uma grande influência na saúde, ou na falta de saúde, no caso.”**

M, 52 anos, professora ensino básico, Leiria

Reacções espontâneas em Focus Group à questão “Com as alterações climáticas corremos o risco de ...?”

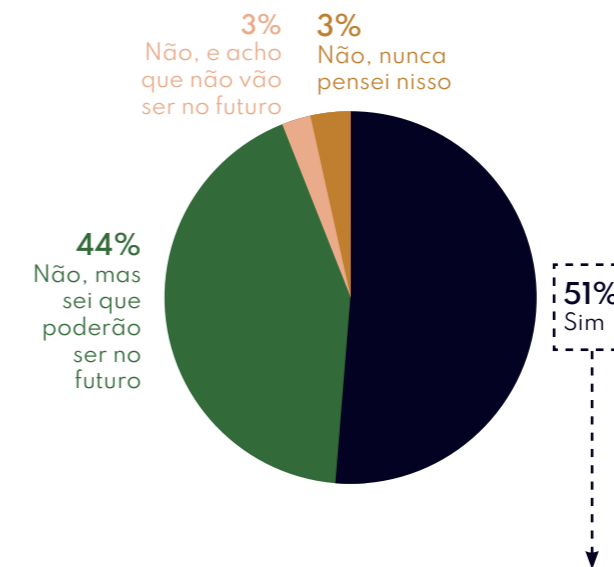
Dos seguintes temas, qual ou quais diria serem para si os de maior preocupação actualmente? (máx. 3)

N=800



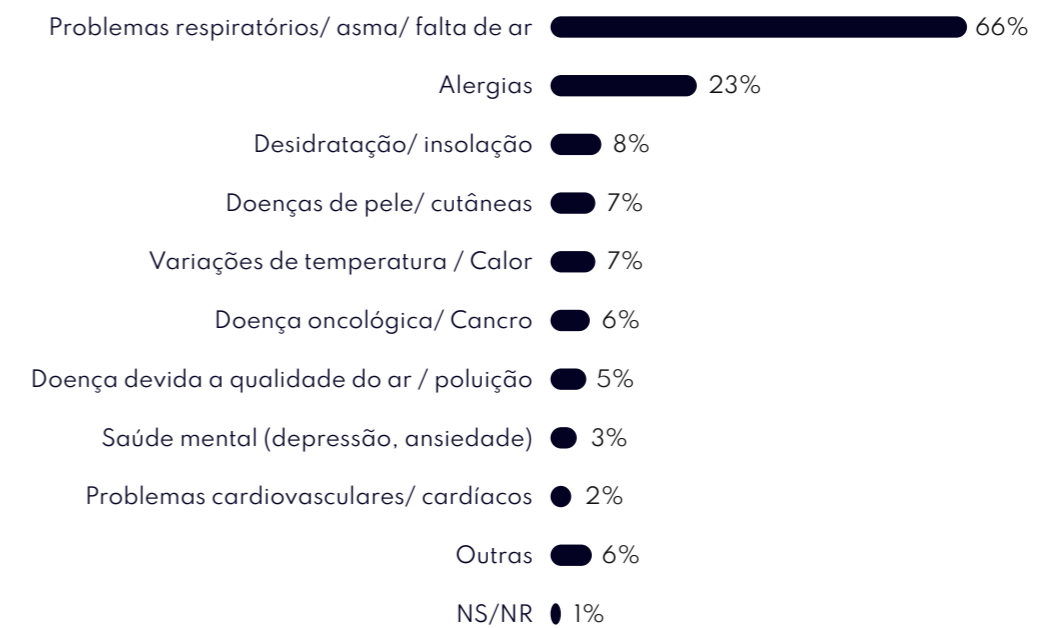
Alguma vez sentiu que as alterações climáticas são prejudiciais à sua saúde ou de pessoas próximas?

N=800



Que problemas de saúde associa às alterações climáticas?

(Base que respondeu afirmativamente N=405)  
ESPONTÂNEO



Em discussão, alguns participantes, mais informados ou próximos de riscos ambientais, conseguem deduzir riscos concretos de saúde que podem decorrer das alterações climáticas

Problemas associados ao calor extremo	Alergias e problemas respiratórios	Doenças infecciosas transmitidas por vectores	Consequências para a saúde mental	Efeitos na nutrição	Efeitos na saúde reprodutiva
<p>“Eu pensei também nas doenças cardiovasculares. Porquê? Estas alterações de temperatura, os meus pais andam sempre com tensões desreguladas, com problemas, com arritmias, com coisas, e agrava sempre muito mais nestes picos de temperatura.”</p> <p>M, 46 anos, Odivelas (Target urbano)</p>	<p>“Doenças respiratórias, porque como tenho asma, isso afecta-me directamente. (...) O ciclo da vegetação é diferente, vai começar a polinizar mais rapidamente (...) Algumas plantas estão quase constantemente nessa fase em que causam alergias. Vou ter de recomençar a fazer vacinas para dessensibilização para os pólenes.”</p> <p>M, 44 anos, Porto (Target urbano)</p>	<p>“Na minha aldeia, vejo mais moscas e mosquitos, e são transmissores de doenças, ou podem ser. (...). Quando ouvimos falar em malária e cólera, são doenças de países subdesenvolvidos e pensamos que não devem chegar cá. Mas estes mosquitos vêm de onde? É como as vespas asiáticas, há aí por todo o lado, a dar cabo das autóctones. (...) Começa a haver doenças que se pensava extintas.”</p> <p>M, 52 anos, Leiria (Target rural)</p>	<p>“A poluição atmosférica também afecta o nosso cérebro. Por exemplo, o escape do carro emite um tipo de poluição com partículas, ou seja, não é só gás, tem sólidos. Esses sólidos têm diversos tamanhos e podem atravessar a nossa barreira encefálica e chegar ao nosso cérebro, ou até pelas vias sanguíneas. Isso pode desenvolver doenças neurodegenerativas, como o Parkinson e Alzheimer.”</p> <p>H, 30 anos, Lisboa (Target informado)</p>	<p>“A quebra da biodiversidade e a extinção massiva de insectos polinizadores. O mais evidente são as abelhas, mas são uma ínfima parte dos insectos polinizadores e outros animais, como os pássaros (...). Isso vai reduzir a diversidade de espécies, a redução das espécies reduz a diversidade da alimentação. Cada vez mais, vamos estar a trabalhar com alimentos mais sintetizados ou menos diversos. Isso vai impactar a nossa alimentação.”</p> <p>H, 46 anos, Maia (Target informado)</p>	<p>“Esta é uma afirmação sem qualquer substância científica, não sei o que é que estou a dizer, mas temo mudanças nos ciclos hormonais, fruto de exposição a graus de poluição muito acentuados, sei lá, menstruações alteradas, menos fertilidade...”</p> <p>M, 34 anos, Lisboa (Target informado)</p>
<p>“Ouvi dizer que havia muitos idosos num lar a sofrer de desidratação e diziam que aumentava a probabilidade porque, com a idade, as pessoas têm a possibilidade de não sentir sede. (...) A desidratação não se vê, enquanto um problema de pele, ou cardiovascular, para quem está de fora, há sinais evidentes. Desidratação é uma coisa mais silenciosa. Não sou de saúde, mas diria que os outros são mais evidentes.”</p> <p>H, 27 anos, Loures (Target rural)</p>	<p>“Prevejo daqui a 15 anos um aumento muito grande de clientela para os pneumologistas. Não tenhamos dúvidas. (...) vai aumentar de uma forma galopante todo o tipo de doenças do foro respiratório. Até é mais grave, casos de asma crónica, é muito grave. As pessoas não sabem, mas a asma crónica pode levar à morte.”</p> <p>H, 50 anos, Porto (Target urbano)</p>	<p>“Maior incidência de doenças infecciosas. Com o sul a avançar sobre o norte, temos doenças como o dengue, malária, doenças que hoje não são muito prevalentes na Europa e podem vir a ser.”</p> <p>M, 34 anos, Lisboa (Target informado)</p>	<p>“Um outro ponto tem a ver com doenças psicológicas. Já se fala no stress e ansiedade, nas doenças psicológicas, até se diz que é a doença do século, ansiedade, stress, por causa de outros factores (...). A questão das alterações, do clima, tudo isto, cria muita ansiedade a par daquilo que são as nossas vidas. Está tudo minado, relacionado.”</p> <p>M, 34 anos, Tomar (Target rural)</p>	<p>“Parece que nada se cria, as frutas nas árvores não vingam, as laranjas saem secas das árvores, daqui a algum tempo deixa de haver produtos naturais. Daqui a algum tempo para haver fruta tem de ser aqueles híbridos, os milhos híbridos, geneticamente modificados.”</p> <p>M, 49 anos, Vilar Formoso (Target rural)</p>	<p>“Queria só referir mais uma coisa, que é a fertilidade. Não sei se será totalmente relacionado com a poluição, mas muito também com os pesticidas, todos os produtos que se usam na agricultura, que acabam por afectar. Porque há 30 anos não havia um grau de infertilidade tão grande como agora.”</p> <p>M, 39 anos, Lisboa (Target urbano)</p>

Os grupos de discussão foram organizados em três critérios de sensibilidade ou proximidade ao riscos climáticos:  
 Target urbano: pessoas com maior propensão de desenvolver problemas de saúde devido ao calor ou à poluição  
 Target rural: pessoas residentes em locais de maior risco/ proximidade a eventos climáticos extremos (ex. secas, incêndios)  
 Target informado: pessoas mais sensíveis ou informadas sobre temas de saúde e/ ou do ambiente

## Relação clima e saúde: mais apreendida do que compreendida

Considerando o tardio despertar da consciência ambiental em Portugal, a hipótese de partida para esta investigação era a de que a relação entre as alterações climáticas e a saúde ainda seria pouco evidente para os portugueses.

Em inquérito, perante uma questão em aberto sobre os impactos que as alterações climáticas podem vir a ter na qualidade de vida dos portugueses, 10% enuncia explicitamente problemas de saúde, como doenças e alergias, e a mesma percentagem refere “falta de alimentos/ falta de comida/ fome” no meio de uma lista que, na essência, descreve os principais riscos ambientais a que Portugal poderá vir a estar exposto com as alterações climáticas (sendo “seca/ falta de água” e “amplitudes térmicas/ catástrofes” as respostas mais comuns).

Apesar de, em espontâneo, se chegar mais rapidamente ao risco ambiental do que ao risco de saúde, a investigação conclui que, mesmo entre os que não estão particularmente informados ou expostos a riscos ambientais, quando envolvidos numa discussão dentro desta temática, estabelecem com facilidade o nexos de causalidade entre esses riscos e a saúde. Mais ainda, revela que cidadãos mais próximos ou preocupados com o tema ambiental conseguem deduzir os principais impactos na saúde que podem decorrer das alterações climáticas [vide página anterior].

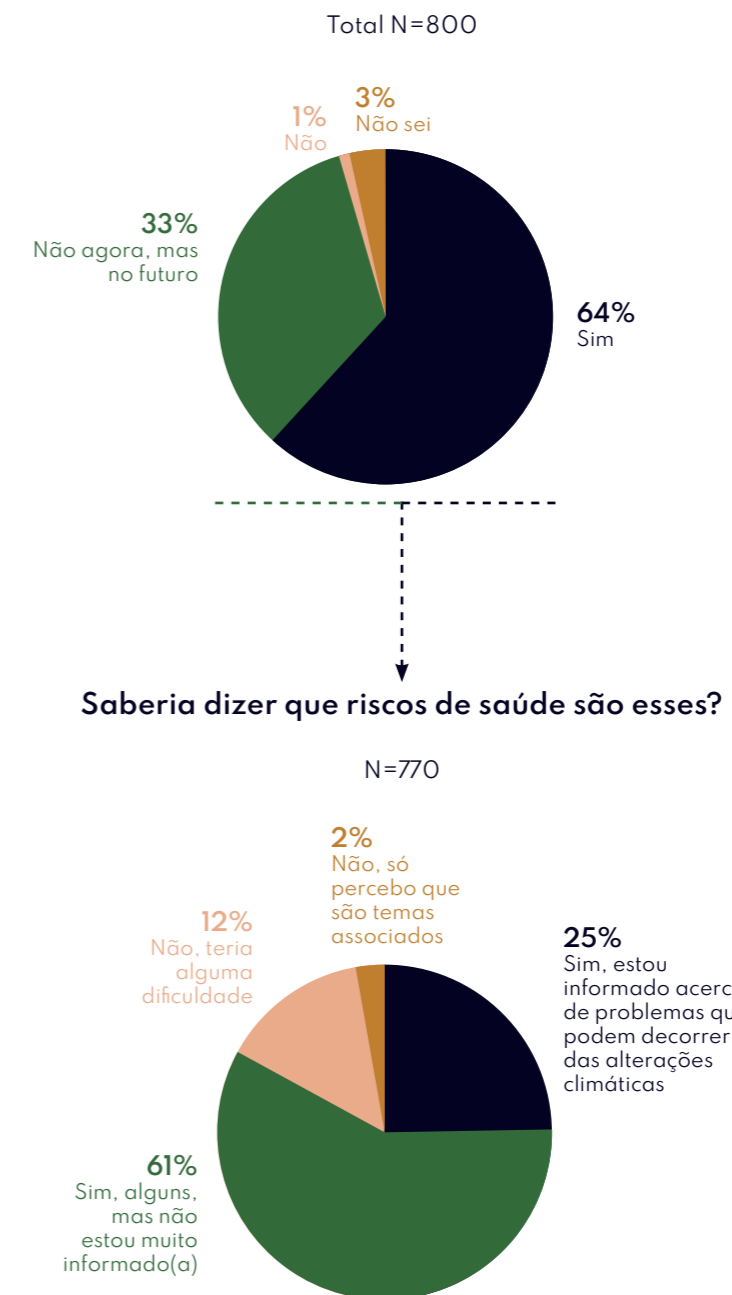
A história da relação dos portugueses com problemas ambientais como a poluição (vide página 28), a crescente mediação do tema e os sintomas que uma percentagem significativa da população (51%) já reconhece em si ou em pessoas próximas, ajudarão a explicá-lo.

No entanto, da percepção dos problemas à sua compreensão, há um grande caminho a percorrer. Perceber que a poluição provoca ou agrava problemas respiratórios não exige grande habilidade; mas fazer a relação entre a poluição do ar e a doença mental ou a infertilidade já supõe conhecimento ou pensamento crítico. Bem assim, mesmo que teoricamente se saiba que o calor extremo é perigoso para idosos e doentes cardíacos, a incompreensão da extensão do risco leva a que não se protejam devidamente as populações mais vulneráveis, como seria recomendado.

O inquérito confirma esta hipótese: quando se questiona, em aberto, a população que já sente efeitos das alterações climáticas na saúde “que problemas de saúde associa às alterações climáticas?”, vê-se uma grande concentração nos problemas respiratórios, seguidos das alergias; só 8% refere desidratação ou insolação e apenas 2% refere os problemas cardiovasculares ou cardíacos (apesar de as ondas de calor/ temperaturas extremas estarem entre os riscos ambientais que ameaçam a nossa qualidade de vida mais comumente identificados). Na verdade, apenas cerca de 1 em cada 4 refere estar informado acerca dos riscos de saúde que podem decorrer das alterações climáticas e a grande maioria, mesmo sabendo nomear alguns riscos, reconhece não estar muito informada.

A análise risco a risco realizada durante o estudo, e a constatação da carência de conteúdos aprofundados e acessíveis a leigos nesta matéria, aconselha alguma reserva na leitura destes dados. Suspeitamos que, mesmo aos que se consideram informados sobre os riscos de saúde, faltará a compreensão cabal dos problemas.

Considera que os portugueses estão ou podem vir a estar expostos a problemas de saúde em consequência dos riscos ambientais?



**O que se conclui é que a ideia de que a saúde é ameaçada pelas alterações climáticas já é facilmente apreendida pelos portugueses. Daí a saber concretamente quais os riscos de saúde com que a população se depara ou compreender a sua gravidade e extensão, há uma distância que falta percorrer.**

**Será até mais provável que a “consciência” do problema climático (que a esmagadora maioria reconhece) esteja mais relacionada com o sentimento de que se percebe ou se está familiarizado com o assunto do que com a sua compreensão profunda, sabendo que ela depende de factos ou informações que só se adquirem por experiência ou educação.**

**Reconhecer muita preocupação – como veremos adiante risco a risco – mas depois não ser conseqüente (na defesa da saúde e/ou do ambiente), também esvazia o valor dessa preocupação declarada - algo que não surpreende no quadro de dificuldades que pontuam o quotidiano dos portugueses.**

**De qualquer forma, acreditamos que há factores aceleradores deste processo ‘da percepção para a compreensão’ e, bem assim, para a acção que se recomenda. Olhamo-los brevemente nas páginas seguintes.**

“Queria só dizer uma coisa: não tem só a ver com conhecimento. É claro que é importante ter os interlocutores certos em todos os sectores, todos – na saúde, na cultura... mas a questão principal, creio, é que isto não se registou no nosso ‘gut’ [entranhas], não faz parte do nosso universo experiencial, sensorial e emocional. Enquanto não sentirmos isto na pele, não estou só a falar de conseqüências, mas sentirmos a gravidade da situação em nós... por isso acho que este aporte não tem só de ser feito pela via da informação, mas pela via sensorial. E a experiência artística é um veículo, mas há outros que se devem pensar. (...)

Para mim, as melhores notícias não são os avanços tecnológicos, com essas fico reticente... quando se fala de novas tecnologias de extracção de carbono, é o mesmo paradigma - gerar mais para mitigar um problema. Mas quando há notícias que se relacionam com legislação (...), e outros esforços que estão a ser feitos no sentido de reconhecer o ecocídio, o direito dos não humanos, dos rios, da água, do mundo vivo... Se ainda não conseguimos registar isto no nosso sistema do sentir, tem que se começar por legislação.”

M, 34 anos, Produtora cultural, Lisboa



### 3.1 Factores Aceleradores

**Três ameaças muito presentes na vida dos portugueses serão factores aceleradores da compreensão da influência das alterações climáticas na qualidade de vida e, por inerência, na saúde: a seca, as ondas de calor e os incêndios.**

Por mais que se perceba que o problema ambiental passou de local a global com as alterações climáticas [vide cronologia da página 30], é quando a ameaça se localiza que se obvia a compreensão das consequências para o lugar, e é do lugar (ou dos eventos que se sofre em primeira mão) que se retiram as implicações para a saúde.

Nos grupos de discussão, um morador do Seixal que gostava de fazer caminhadas na Arrábida falava das “zonas desoladoras” que arderam; outra participante, da Beira Alta, com uma exploração de bovinos na família, reagia à falta de água e descosia sobre a forma como era afectada pela seca. Outra, residente em Odivelas, avisava que, dessa zona da cidade, já se conseguia ver o *smog* gerado pela poluição. É nas frentes de contacto directo com mudanças no ambiente que está a mais rápida associação das alterações climáticas à saúde.

Em Junho deste ano, um terço do país encontrava-se em seca severa ou extrema. Uma notícia que sensibilizará os 44% de portugueses que já passou pela experiência de falta de água na sua zona durante vários dias ou semanas, com implicações no consumo (11% admite, em Julho, que isso estava a acontecer ou a acontecer de novo).

Em 2022 registaram-se 6 ondas de calor no país, o ano mais quente desde 1931 (1,38 °C acima do valor normal registado no período de referência de 1971-2000). Abril de 2023, altura em que decorreram os grupos de discussão, foi particularmente quente e seco, e o mês de Julho o mais quente desde que há registo. Na primeira quinzena de Julho – período em que foi feito o inquérito – registaram-se os dias mais quentes no planeta desde que há registos [Organização Meteorológica Mundial].

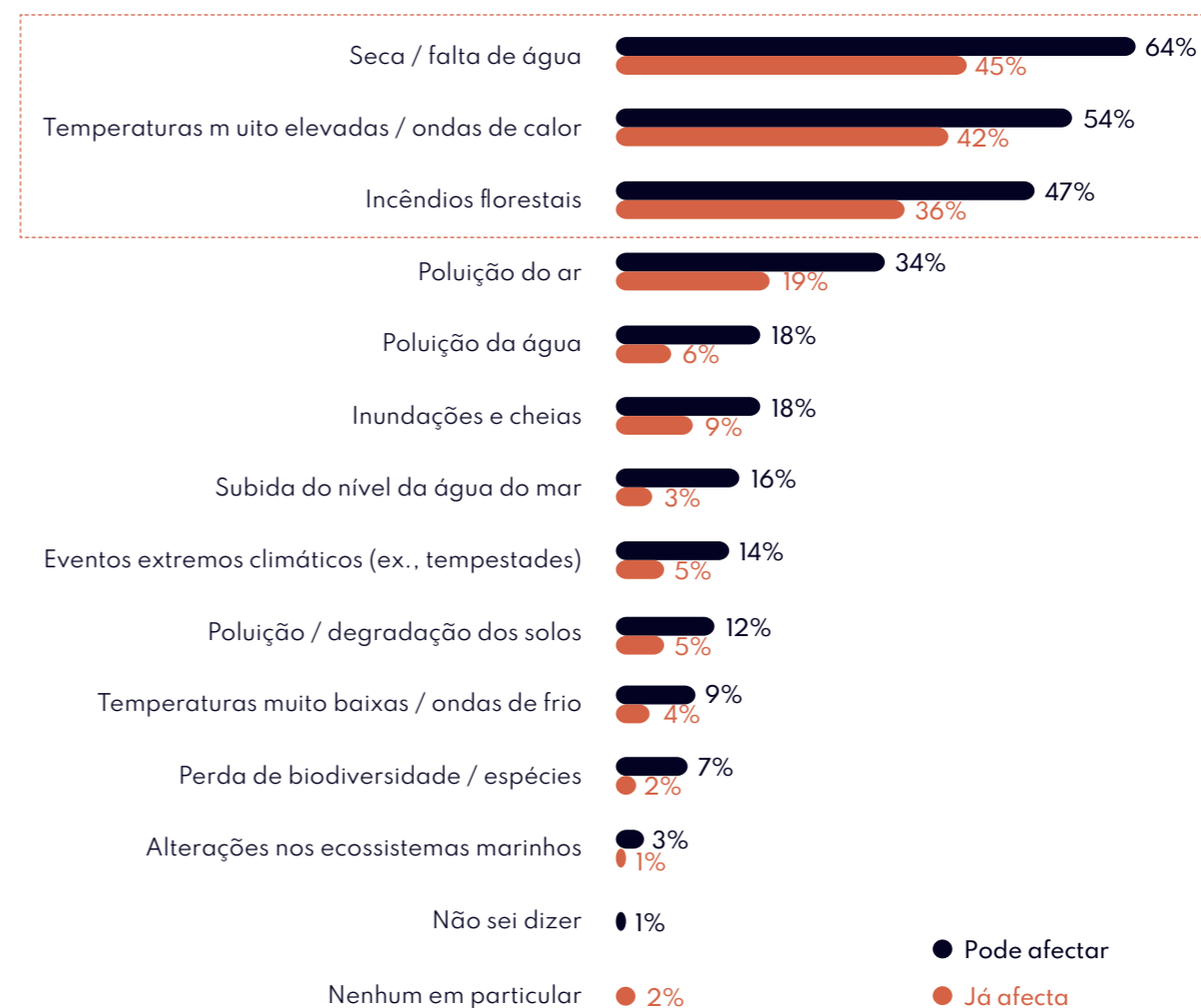
Somos historicamente um país de incêndios. Segundo um relatório recente da Comissão Europeia, em 2022 Portugal alcançou os terceiro e quarto piores registos da UE em área ardida e número de incêndios, respectivamente. Já em percentagem de território ardido, calculado em função da dimensão dos países, Portugal destaca-se no topo. Os portugueses têm sido fortemente atingidos: 29% dos inquiridos já viveu “na proximidade de uma casa sua ou de pessoas próximas” o impacto de um incêndio florestal.

Também em 2022, a “Depressão Célica” espalhou poeiras do Saara pela Península Ibérica - um fenómeno que pode ter efeitos na saúde. Em jornais que o noticiavam, a Sociedade Portuguesa de Pneumologia aconselhava asmáticos a minimizarem a exposição ao ar livre. 89% dos inquiridos refere ter sentido essas poeiras no local onde vive.

As pessoas tendem a considerar os problemas climáticos distantes de si ou dos seus lugares. Estas ocorrências - em particular, a seca, as ondas de calor e os incêndios, cuja frequência e/ou intensidade se tem agravado nos últimos anos -, estão a funcionar como aceleradores não só da percepção do (actual e potencial) impacto das alterações climáticas na qualidade de vida, como da compreensão da sua relação com a saúde.

A convicção de que as alterações climáticas já estão a ter impacto negativo na qualidade de vida dos portugueses tende a aumentar à medida que aumenta a sua exposição ao risco ambiental, por exemplo, 77% dos que já estiveram expostos a uma situação de incêndio na proximidade de sua casa versus os 61% que nunca o sentiu na proximidade.

**Qual ou quais dos seguintes riscos ambientais diria que podem vir a ter mais impacto na saúde dos portugueses? (máx. 3)**



Q: Da seguinte lista de riscos ambientais, qual ou quais diria que podem vir a ter mais impacto na saúde dos portugueses? (escolha no máximo 3). Incluía a opção “Nenhum” (0%). N=800

Q: [se indica algum risco] Desses, qual ou quais considera que já afectam a saúde dos portugueses? N=796

## Em Discurso Directo

“No ano passado, nos incêndios na Serra da Estrela, a aldeia onde estava ficou cercada de chamas e tivemos de sair numa situação de emergência. E mais recentemente, em Dezembro, as cheias em Oeiras, (...) houve o falecimento de uma pessoa. (...) Quando começamos a ver as coisas perto de nós, é um alerta. Quando vem estes calores, penso sempre em incêndios, é inevitável. Há já uma angústia associada a um calor excessivo.”

M, 47 anos, Assistente Social, Linda-a-Velha

“A par das poeiras de África, a pandemia. Vírus que vêm dos animais, andamos a ocupar os habitats deles. Da mesma maneira que as poeiras vão ser mais frequentes, também pode acontecer pandemias com mais frequência (...). Aqui tem sido assustador a questão da seca e dos incêndios, que têm níveis absurdos. No ano passado tivemos 45° no Verão, incêndios até Outubro, muito próximos, a toda a hora. Está tudo a agravar-se.”

M, 33 anos, Técnica de Turismo, Tomar

“O que me ocorre é preocupação, de saúde e inflação. Os nossos alimentos vão escassear... quando a aldeia não planta, a cidade não come. Nós nem na aldeia estamos a produzir, estão a vir cebolas da Holanda. (...) A batata coze, parece que explode. (...) Corremos o risco de não podermos comer os bens essenciais ou de não comermos produtos naturais, com qualidade.”

M, 49 anos, Costureira, Vilar Formoso

“Eu resido numa zona alta, mais fora da cidade [de Lisboa] e, de há uns anos para cá, já consigo ver a nuvem, o smog, numa zona que há alguns anos era maioritariamente campo. Eram zonas saloias, de cultivos, mas agora é uma selva urbana e já se vêem os fenómenos que antes só eram vistos nas grandes cidades. Como estou num ponto alto, vejo. Por vezes não consigo ver dois palmos abaixo do horizonte, é assustador.”

M, 46 anos, Assistente Financeira, Odívelas

## Portugueses expostos a riscos ambientais

# 29%

Já viveu a ameaça ou impacto de um incêndio florestal na proximidade de sua casa ou de pessoas próximas



@ Nuno André Ferreira/Lusa

# 89%

Sentiu ou viu no lugar onde vive as poeiras vindas do Saara que chegaram a Portugal no último ano



@ Rui Gaudêncio/ Público

## 3.2 Os ‘encontros com o Futuro’

**Não se trata apenas dos riscos que se experienciam no território nacional. Viagens a locais mais expostos contribuem para uma maior noção do risco e despertam consciências**

«Há uns anos, não muitos, desembarquei em Bali (...) A praia era uma extensão de monturos de lixo, plástico sobretudo, latas, restos orgânicos (...) nas ondas enegrecidas flutuavam os detritos que eram depositados na areia. Os montes de lixo tinham metros de altura. A situação era tão catastrófica que os trabalhadores que arrecadavam e queimavam o lixo tinham que fazer pausas por causa da toxicidade do trabalho. Sentiam-se mal (...) Bali não foi o único encontro com o futuro. Em Nova Iorque apanhei uma tempestade de neve, explosão meteorológica, vórtice polar,....» Clara Ferreira Alves, Expresso, 2023

Serve este relato para introduzir uma ideia surgida no decorrer dos grupos de discussão [ao lado]. Serve pela sua directa intuição de que se trata de ‘encontros com o futuro’. Mais adiante, na descrição do que viveu em Nova Iorque, a articulista acrescenta “uma experiência terminal. O ser humano não está apto para sobreviver nestas temperaturas”. Também os relatos dos participantes que “viram o futuro” dão nota dessa impreparação humana, nos casos por exposição à poluição do ar, descrevendo alergias respiratórias e cutâneas no decurso de uma estadia no estrangeiro.

Os números corroboram a suspeita: entre os 30% que já estiveram em contacto com ambientes onde a poluição se sente fortemente, 65% admite que durante a experiência pensou no impacto que poderia estar a ter na sua saúde e 59% projecta a memória do que viveu quando pensa no que pode vir a ser o futuro de Portugal se não se travarem os impactos negativos no ambiente.

Embora muito diversas – em inquérito, referem-se diferentes países e continentes, e situações nem sempre aplicáveis a Portugal -, estas experiências reforçam a imagética de um futuro distópico, quando não apocalíptico, e sensibilizam para a difícil habitabilidade de um mundo que não soube conter a acção humana sobre o ambiente.

**30%**

Já esteve, a viver ou em viagem, em algum país onde sentisse fortemente (i.e., mais do que em Portugal) o problema da poluição (do ar, do solo ou da água)

(N=800)

**65%**

Desses concorda fortemente que, “Durante essa experiência pensei no impacto que poderia estar a ter na minha saúde” [respostas top 3].

33% responde 10 numa escala de 1 a 10 (N=237)

**59%**

Desses concorda fortemente que, “A memória dessa experiência ocorre-me quando imagino o que poderá ser o futuro do nosso país se não se travarem os impactos negativos no ambiente” [Respostas top 3]

28% responde 10 numa escala de 1 a 10 (N=237)

## Em Discurso Directo

“Vivi em Macau e sentia-me a viver o futuro da Europa, no sentido de termos de consultar uma aplicação para ver a qualidade do ar antes de sair de casa, não se podia pôr a roupa no exterior, ela ficava cinzenta... isto falando de poluição atmosférica. A frequência e o grau dos tufões, são muito maiores do que eram antes. Eu senti-me no futuro da Europa, ali. E despoletava este mecanismo do imaginário Blade Runner, lembra-me um mundo cheio de smog, desértico (...). Coisas que senti na pele, lá na China, no futuro daqui de Portugal: doenças da pele, queda de cabelo, tudo o que está mais exposto, fica fragilizado.”

M, 34 anos, Produtora Cultural, Lisboa

“Eu visitei Pequim numa altura em que teve alerta vermelho de poluição. (...). Foi antes do Covid, e toda a gente andava de máscara, “turbo-máscaras”, quase escafandros de mergulho, víamos em todo o lado e não percebíamos exactamente o porquê. Depois percebemos (...) Tivemos algumas consequências disso. (...) Alergias, não foi tanto respiratórias, foi na pele. Sentimos reacções cutâneas, porque sentia-se mesmo o ar pesado. Isto é psicológico, provavelmente, mas parecia que nos caíam coisas em cima, partículas minúsculas. E fizemos reacções na pele.”

M, 46 anos, Assistente Financeira, Odivelas

“Fiz uma viagem à Índia, estive 15 dias na Índia. E é muito notória a poluição lá, há sempre aquele smog no ar, e muito forte.

E eu vim completamente... entupida, com uma alergia enorme, como nunca tinha tido! Demorou praticamente dois meses a passar.”

M, 39 anos, Arquitecta Paisagista, Lisboa

### 3.3 Populações na linha da frente

**Determinados grupos que apresentam uma sensibilidade particular ao tema climático, estão na linha da frente no que se refere à percepção do seu impacto na saúde. Em que medida revelam o que pode ser a mudança comportamental se aumentarmos o conhecimento geral da população?**

# 6%

Profissões ligadas à natureza

Estes indivíduos acusam tendencialmente maior sensibilidade aos problemas ambientais: 35% refere estar “muito consciente deste tema e as minhas decisões no dia-a-dia são muito marcadas por esta preocupação” (vs. 17% da amostra). Na base da sua preocupação estará, mais do que a saúde, a grande vulnerabilidade económica ao clima. Na verdade, este grupo não revela maior percepção do impacto que as alterações climáticas podem ter na saúde, mas está particularmente exposto ao risco: 22% (vs. 10% da amostra) reconhece sentir frequentemente ansiedade relacionada com problemas ambientais, não por antecipação do que pode vir a acontecer no futuro (como a maioria dos que a reconhece), mas por aquilo que já vê acontecer à sua volta ou em reacção a uma experiência traumática que viveu. Estão na linha da frente pela inquietação ambiental.

## 35%

Dos que têm profissões ligadas à natureza (ex., agricultura, floresta, vinicultura) declara ser muito consciente dos problemas ambientais e ter muitas decisões no dia-a-dia marcadas por essa preocupação

(N=46)

17% geral da amostra

# 9%

Residentes em meio rural

Estes indivíduos estão entre os que mais declaram “muita preocupação” com as alterações climáticas (65% vs. 52% da amostra). A proximidade à natureza (e a ligação frequente a horticultura e fruticultura) induz grande apreensão em relação a problemas hídricos: seca, falta de água ou poluição da água. Nas conversas tidas com pessoas próximas do campo, os riscos associados à alimentação surgiram com muita pujança, antecipando (muito mais do que noutros grupos) perdas de variedade e de qualidade nos alimentos e a escassez de produtos essenciais, com a consequente subida de preços. Entre quem aprendeu a acompanhar os ciclos das plantas, não há ligeireza na maneira como se vive o calor ou a seca; o risco é-lhes muito evidente.

## 52%

Dos inquiridos que residem em meios rurais reconhece muita preocupação com o efeito que a má qualidade dos alimentos pode ter na saúde

(N=69)

41% geral da amostra

# 9%

Pais de filhos com problemas de saúde que associam ao ambiente

Estão entre os que revelam mais preocupação em relação aos diferentes efeitos que as alterações climáticas (através do calor, da poluição do ar e da água e até das doenças transmitidas por vectores) podem ter na saúde. Para estes pais, as implicações são evidentes: 73% refere já ter sentido que as alterações climáticas são prejudiciais à sua saúde ou de pessoas próximas (vs. 51% da amostra). Em discussão, estes pais fizeram associações entre saúde e alterações climáticas através de problemas que consideram que se começam a generalizar nas crianças - alergias, bronquiolites, eczemas ou pele atópica – sobretudo as nascidas e criadas nas grandes cidades. Mais do que pela própria saúde, são impelidos pela consciência das consequências ambientais para a saúde dos filhos.

## 86%

Dos pais com filhos com problemas de saúde (que associa ao ambiente) reconhece que os portugueses já estão expostos a problemas de saúde em consequência dos riscos ambientais

(N=73)

64% geral da amostra

# 5%

Conscienalistas

São, por definição, indivíduos com muita consciência e muita preocupação com o estado do ambiente, sendo essa preocupação um eixo orientador das suas decisões e acções no dia-a-dia (por exemplo, integrando dietas vegetarianas). Interessados e activos colectores de informação sobre o tema das alterações climáticas, chegam ao tema da saúde através dos conteúdos a que acedem (é frequente a referência a estudos e artigos internacionais). A relação entre as alterações climáticas e a saúde chega-lhes pela via do conhecimento. São também frequentemente vítimas da ansiedade climática. A preocupação com a sua saúde ou da população (têm pensamento macro) acrescenta aos argumentos que os levam à acção.

## 50%

Dos Conscienalistas considera-se informado acerca de problemas de saúde que podem decorrer das alterações climáticas

(N=38)

24% geral da amostra

26% dos inquiridos encontra-se pelo menos num dos grupos aqui descritos, cuja selecção é feita em função de respostas a questões de caracterização avançadas em inquérito. Apenas para cálculo dos “Conscienalistas” são exigidos critérios sobre atitudes e comportamentos em relação ao ambiente.

As quotas para efeitos de representatividade da amostra do inquérito quantitativo não foram forçadas nem enviesadas para chegar a estes quatro perfis, pelo que se podem assumir representativos da população portuguesa entre os 18 e os 74 anos (com acesso à internet).

Profissões ligadas à natureza  
(ex., agricultura, floresta, pesca, vinicultura)

**22%**

Declara sentir frequentemente  
ansiedade relacionada com  
os problemas ambientais

*“Também temos uma exploração de bovinos e somos bastante afectados pela seca, temos umas pequenas hortas. (...) Vivo numa quinta, temos charcas e poços. Nós não temos água canalizada. E não por não haver acesso, mas sempre houve aqui. (...) Também tenho produção de castanhas, todos os anos tenho menos porque não há água, não há chuva. Depois temos a sementeira de trigos, neste ano não sei se vão conseguir cortar. Está tão pequeno...”*

M, 49 anos, Vilar Formoso

*“Fui criada numa aldeia, agora vila. Vivi com os meus avós, sempre na agricultura, mais tarde estudei, vim para Bragança (...). Trabalho em agricultura ao fim de semana. Os meus pais investiram em terras, oliveiras. Tenho um senhor que trata de tudo, mas para as plantações, limpa da oliveira, faço questão de estar presente, porque sei o que quero, e como quero. (...) . A terra está um caos. (...) Adorava que chovesse, e muito! Ainda não consegui plantar batatas, cebolas. plantamos as cebolas, (...) as ervilhas estavam em flor... veio uma chuva que era enxofre. E fui ver, depois que a chuva secou, ficou tudo amarelo.”*

M, 57 anos, Bragança

Residentes em meios rurais  
(grau de urbanização da zona onde vive:  
“rural” ou “não urbanizado”)

**35%**

Refere que a situação de falta de água  
na sua zona “está a acontecer” ou “já  
aconteceu algumas vezes”

*“Vivemos perto da Lousã. Nós não tínhamos muita falta de água, porque os lençóis freáticos vinham parar à nossa zona. Este ano estou preocupado porque o nível da água dos poços está muito baixo. E estamos em Maio. E não é só essa pouca água, a maior parte dela está com muito má qualidade. (...). Olho para as plantas, árvores e o que vejo é que as partes mais viçosas se queimam muito facilmente. Não pode ser queimado por gelo, há cada vez menos, só pode ser por haver amplitudes térmicas maiores do que no passado. (...) Tinha cerejas, medronhos, marmelos ..., fico com os marmeleiros secos, não aproveito nenhum fruto. A cereja não vinga nada. Eu em 3 ou 4 anos não consigo recolher nada dessas culturas que são mais sensíveis.”*

H, 59, Proença-a-Nova

*“Temos produção para consumo familiar, estamos muito perto do rio Zêzere, tivemos muita seca no ano passado (...). Em relação à agricultura, os solos estão cansados, temos produções intensivas e muitos químicos na terra. O que comemos, o que apanho no quintal, já nada é garantido a 100%.”*

M, 57 anos, Bragança

Pais de filho(s) com  
problemas de saúde  
(que associam a problemas ambientais)

**23%**

Dos pais com filhos menores de 20 anos  
tem filhos com problemas de saúde que  
associa a problemas ambientais

*“Quanto maiores são as cidades, mais poluição existe, e mais alergia vai existir, e mais asma vai existir, e todos os miúdos vão nascer com problemas, com bronquiolites e com pele atópica, eczema... Isso vai acontecer e vai ser cada vez pior. Eu tenho dois filhos, tiveram os dois eczema, e pele atópica, gastei fortunas. São os dois asmáticos, eu sou asmático... Se eu pensar no dinheiro que gasto em produtos para a asma, ia passar todos os anos umas grandes férias.”*

H, 48 anos, Seixal

*“Eu ia referir a pele atópica. A minha filha mais velha também sofre imenso, ela por acaso é no Inverno, mas a nossa geração, não me lembro de alguém ter pele atópica. Havia um outro com problemas de pele... Hoje em dia, parece que 30% das crianças tem pele atópica, que é uma grande percentagem. (...) atirei este número para não ser fatalista. (...) [Relaciono com poluição e pólenes desregulados] porque há 30 anos não havia a incidência que há. E uma das coisas que mudou foi a qualidade do ar.”*

M, 39 anos, Lisboa

Conscienialistas  
(muito preocupados, conscientes dos  
problemas ambientais e comportamentos  
marcados por essa preocupação)

**58%**

imagina uma subida grande, de 3° a 4°C,  
quando imagina a evolução da temperatura  
média em Portugal no futuro (ex. 20 anos)

*“Muita poluição no ar está a criar mais problemas respiratórios. Saiu um estudo da poluição na Europa e uma das conclusões é que há cada vez mais pessoas a perder qualidade de vida, e a ficar doentes, ou até mesmo a morrer pela poluição, pelo ar não ser saudável. E isso afecta cada vez mais crianças. A poluição no ar faz com que estejamos a ficar mais doentes e ter lido o estudo levou-me ao que escrevi, foi o que me veio à cabeça.”*

M, 45 anos, Charneca da Caparica

*“A poluição atmosférica é a quinta razão de morte hoje em dia no mundo, o que é superior aos desastres de viação, é assim... muito estrondoso (...). Já há países com consequências muito graves em pobreza e em risco de miséria. (...) E a falta de recursos só não é aqui evidente porque nós importamos comida de todo o lado, mas é verdade que há menos produção na nossa agricultura (...). O permafrost, este solo congelado há muito, muito tempo, está em derretimento acelerado e tem contido, além de reservas de metano muito grandes, (...), são vírus que lá estão, encapsulados, e que voltam.”*

M, 34 anos, Lisboa

## Indicadores de preocupação e de acção

A intuição de partida de que, mais do que o género, a idade, ou a “região administrativa”, a proximidade a um risco ambiental ou a um risco de saúde poderia actuar na percepção do risco para a saúde decorrente das alterações climáticas, sai confirmada.

Não só pelo modo como estabelecem o nexo entre as alterações climáticas e a saúde, mas também pela disponibilidade que revelam para actuar, estes grupos demonstram que o ambiente também pode ser um importante argumento de potenciação de saúde.

	Total	Profissões ligadas à natureza	Residentes em meio rural	Pais de filho(s) com problemas de saúde	Consciencialistas
	N=800	N=46	N=69	N=73	N=38
Pensa antecipadamente no que pode ser o futuro do país e do mundo (muito)	41%	50%	46%	56%	47%
Muito preocupado(a) com as alterações climáticas	52%	50%	65%	64%	100%
Muito informado(a) sobre alterações climáticas	13%	17%	14%	19%	42%
Considera já haver impactos negativos na nossa qualidade de vida	67%	65%	72%	81%	82%
Consciente ou muito consciente dos problemas ambientais, com comportamentos no dia-a-dia marcados por essa preocupação	58%	67%	59%	64%	100%
Considera que os portugueses estão ou podem vir a estar expostos a problemas de saúde em consequência dos riscos ambientais	64%	61%	70%	86%	82%
Considera-se informado acerca de problemas de saúde que podem decorrer das alterações climáticas	24%	33%	25%	40%	50%
Sente frequentemente ansiedade relacionada com os problemas ambientais	10%	22%	13%	26%	26%
Muito disponível para actuar mais preventivamente em relação à sua saúde (conhecendo efeitos que AC podem ter na saúde)	23%	30%	33%	27%	42%

**A população portuguesa tem consciência dos riscos climáticos. Apenas 1% considera que as alterações climáticas não têm nem vão ter impacto na qualidade de vida dos portugueses.**

**Na sua maioria, os cidadãos conseguem estabelecer a relação entre riscos ambientais e riscos de saúde e alguns, mais informados ou próximos de riscos ambientais, conseguem concretizar muitos dos problemas de saúde que se antecipam.**

**No entanto, o reconhecimento do risco não implica necessariamente a compreensão do mesmo na sua extensão e complexidade. Há um caminho, da percepção à compreensão mais profunda dos problemas, que este capítulo introduz.**

**Mesmo os que revelam capacidade de relacionar causas e efeitos não têm necessariamente disponibilidade para alterar atitudes e comportamentos em relação à saúde. E se é verdade que a exposição pessoal a situações adversas, como aqui se prova, tende a aumentar a percepção de risco, também é possível que a exposição repetida a riscos ambientais, sem que daí tenha resultado um problema de saúde “visível” para si ou para os seus, dessensibilize alguns para a ameaça anunciada.**

**Seja qual for a distância entre aquilo que é declarado e aquilo que é individualmente sentido como risco, o facto é que os portugueses expressam preocupação com os diferentes efeitos que as alterações climáticas podem vir a ter na saúde e, em reacção a esse risco, declaram-se disponíveis para actuar mais preventivamente em relação à sua saúde num futuro próximo (23% muito disponíveis). Essa disponibilidade não é alheia à preocupação que cada um já dirige à própria saúde, provando que a saúde abre caminho a escolhas tendencialmente (mais) sustentáveis – como no próximo capítulo se mostra.**

**Mais importante de assinalar, o estudo revela haver um conjunto de portugueses que, por circunstâncias pessoais que os expõem mais a riscos climáticos ou de saúde, são particularmente sensíveis aos impactos que as alterações climáticas podem vir a ter na nossa qualidade de vida.**

**Seja porque têm actividades profissionais que dependem do clima, porque residam em regiões onde os efeitos das mudanças do clima no território se tornam mais visíveis, porque tenham filhos com problemas de saúde que associam ao ambiente ou por serem altamente conscientes e informados acerca dos problemas ambientais, há uma massa já significativa da população (26%) para quem a problemática climática é mais ameaçadora ou “visível” e, por isso, tendencialmente mais disponível para acções e soluções que mitiguem os riscos de saúde - individual, de pessoas próximas ou pública.**

**Mais do que a idade, o género ou o rendimento, é “o problema na primeira pessoa” o que mais parece contribuir para a sensibilização e a preocupação com os efeitos das alterações climáticas. Ou seja, a educação e a cultura são fundamentais para entender as diferentes atitudes. Também por isso se torna crucial aprofundar e discutir, mais do que as ameaças globais, os riscos concretos a que os portugueses (nas suas diferenças regionais, etárias ou de estado de saúde) podem vir a estar expostos.**